



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Intersexualidades e experiências para além das narrativas biomédicas: uma análise sobre trajetórias de vida
<b>Autor</b>	TIAGO RODRIGUES DA COSTA
<b>Orientador</b>	PAULA SANDRINE MACHADO

## **Intersexualidades e experiências para além das narrativas biomédicas: uma análise sobre trajetórias de vida**

Tiago Rodrigues da Costa  
Paula Sandrine Machado  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Os estudos sobre intersexualidade privilegiaram, tradicionalmente, o contexto hospitalar como campo empírico e de análise, além de se utilizarem, em alguma medida, da linguagem, das definições e dos parâmetros biomédicos, ainda que buscando analisá-los e/ou problematizá-los desde uma perspectiva crítica (Machado, 2014). Considerando essa questão, a pesquisa mais ampla onde se insere o presente trabalho buscou, entre outros elementos, problematizar a forma de acesso às pessoas intersex (dada normalmente pelo hospital) e a relação das mesmas com o espaço e as narrativas biomédicas sobre sua experiência da intersexualidade.

O presente estudo, especificamente, tem como objetivo analisar as narrativas de pessoas intersex, contatadas fora do ambiente hospitalar, buscando entender diferentes experiências da intersexualidade que não necessariamente aderem ao discurso biomédico e que constituem trajetórias diversas, de militância política, por exemplo. Para tanto, analisamos em profundidade três entrevistas semi-estruturadas, realizadas no mês de julho de 2015, por skype, com duração média de uma hora e trinta minutos cada.

A primeira entrevista traz a vivência de um jovem homem intersex, que não conhecia a expressão intersex/intersexual/hermafrodita, morador de zona rural do sul do país e que não está inserido nem nas rotinas médicas de tratamento e diagnósticos da intersexualidade, nem em contato com militâncias trans/intersex. A segunda entrevistada foi uma jovem mulher intersex que morava na região sudeste, na zona urbana, à época da entrevista. Naquele momento com vinte e sete anos, essa jovem já estava inserida em contextos de militância trans, daí sua aproximação com o termo intersex/intersexualidade. A última entrevista foi realizada com um homem intersex do norte do país, ativista trans, que passou, também, a inserir as questões relacionadas à intersexualidade em sua militância.

A partir da análise das entrevistas, vemos que a forma de acesso ao discurso biomédico acerca da intersexualidade é muito plural, ressaltando-se o fato de que as pessoas utilizam estratégias, bem como acionam elementos diversos que tornam as suas vidas não enclausuradas ou restritas às prescrições de tal discurso. Porém, o silêncio produzido por esse deslocamento das narrativas biomédicas, pode gerar segredos e desconhecimento sobre a história médica desses corpos, fazendo com que as pessoas intersex possam ficar muito tempo sem entender o que acontece consigo, segundo indicado nas entrevistas. A militância, por outro lado, vem de encontro a esses silenciamentos, promovendo espaços de compartilhamento dessas vivências, de resignificação dos saberes biomédicos e contribuindo para que emergam resistências e outras vozes a partir de experiências antes silenciadas pela clausura dos diagnósticos sobre o corpo sexuado.

### **Referências Bibliográficas**

MACHADO, Paula Sandrine. (Des)fazer corpo, (re)fazer teoria: um balanço da produção acadêmica nas ciências humanas e sociais sobre intersexualidade e sua articulação com a produção latino-americana. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 141-158, Junho 2014.